



DUAS DE LETRA - GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

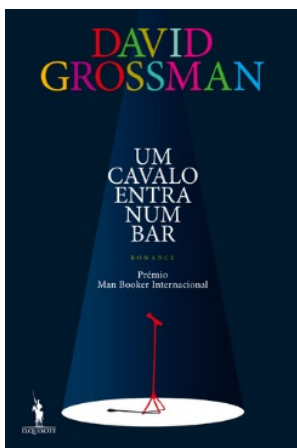
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

ABRIL 2018

GUIA DE LEITURA

UM CAVALO ENTRA NUM BAR – DAVID GROSSMAN



Biografia: David Grossman nasceu em Jerusalém e é um dos maiores escritores do nosso tempo. É autor de uma extensa obra que está publicada em mais de trinta línguas em todo o mundo. Recebeu numerosos prémios, incluindo o francês Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras, o Buxtehuder Bulle na Alemanha, o Prémio de Roma pela Paz e pela Ação Humanitária, o Prémio Ischia Internacional de Jornalismo, o Prémio Emet de Israel, o Prémio da Paz dos Editores e Livreiros Alemães e o Prémio Albatross da Fundação Günter Grass. O seu romance *Até ao Fim da Terra* foi distinguido com o Prémio Médicis Estrangeiro, o National Jewish Book Award, o Prémio JQ Wingate e, tendo sido destacado em inúmeras listas de favoritos, foi ainda considerado o melhor livro do ano pela revista Lire, em 2011. *Um Cavalo Entra num Bar* é o seu mais recente romance, e foi galardoado com o Prémio Man Booker Internacional 2017.

Sinopse de *Um cavalo entra num bar*: No palco decadente de uma pequena cidade israelita, Dov Grinstein, um humorista em fim de carreira, apresenta uma comédia de stand-up. No público está Avishai Lazar, um juiz que o conheceu em criança, e alguns outros que se lembram de Dov como um rapaz estranho e magro que andava sobre as mãos para confundir os agressores do bairro. As piadas de Dov são mais ou menos sagazes, no limite do politicamente correto e do bom gosto, passeando por temas tão amplos quanto o conflito israelo-árabe e os palavrões proferidos por um papagaio, e provocam o riso da plateia, mas também o seu desconforto. Com o passar da noite, porém, o espetáculo torna-se um exercício de memória e, à medida que Dov expõe os seus dramas pessoais mais profundos, a tensão aumenta e o humor esvai-se, dando lugar a uma melancolia comum a todos nós.

Um Cavalo Entra num Bar: O último livro de David Grossman não é para rir (in Visão, 12-03-2018, Sílvia Souto Cunha)

'Stand up comedy' para ir às lágrimas? Aqui, o holofote acende-se sobre a dor, e sobre um Israel dissecado em palco por um "one man show"

O faux pas da primeira linha é tanto a essência da stand up comedy universal como o segredo deste romance extraordinário: "Boa noite, boa noite, boa noi-i-te, Cesarei-aaa!!!", grita o comediante, um "homem baixo e franzino" que "voa para o palco de uma porta lateral como que atirado ou chutado de lá" e que se deixa ficar "agachado numa posição simiesca" – ou será um arremedo de posição fetal? É que estamos no princípio de tudo: do livro, da atuação, do warm up da sala ainda descomposta, dos primeiros aplausos, da curiosidade do leitor. Dovaleh Grinstein, figura ácida de meia-idade, emenda à mão a anedota básica: está em Natania, povoação de 176 500 almas no distrito central de Israel. O one man show não precisa desta cábula: "Parabéns, Dovaleh, pérola entre os homens, saiu-te a sorte grande, foste escolhido para participar numa

experiência especial na região costeira, nada de demorado, hora e meia ou duas no máximo, que é o tempo limite que um ser humano normal pode estar exposto às pessoas daqui.” O riso dos insultados não amarelece e Dov continua, propulsionado não pelos “750 shekels que o Yoav me paga, sem recibo e toma lá e vai-te lixar” mas por uma honestidade crescente.

O número de stand up comedy transfigura-se: primeiro inquieta, depois irrita e, por fim, entristece o público que abandonará a sala – à exceção dos seus vagos conhecidos, como o juiz reformado Lazar, narrador deste romance com ritmo e vocabulário afinados como um tambor que é, na verdade, um libelo sobre a dor e a capacidade de sobrevivência às circunstâncias adversas. As piadas fáceis (ecoadas no título *Um Cavalo Entra num Bar*) serão substituídas pela psicanálise sob os holofotes, o striptease emocional de Dovaleh: o rapazinho que faz o pino para escapar ao bullying, filho de uma sobrevivente do Holocausto e de um pai distante, cujos traumas, finalmente expostos, o revelarão como um exemplo humano de todos, personagens e leitores.

Um Cavalo Entra num Bar (D. Quixote, 232 págs., €15,90), 11º romance de David Grossman, venceu o prémio Man Booker Internacional atribuído a livros escritos em língua não inglesa. O júri elogiou-lhe a “disponibilidade para correr riscos emocionais e estilísticos”.

‘Um Cavalo Entra Num Bar’: uma piada é muito mais do que uma piada (in comunidadeculturaearte.com, 10-04-2018, por Mário Rufino)

Numa época em que o riso tem de ser comedido ou inexistente, por imperativos de correcção política, David Grossman (Jerusalém, 1954) propõe a catarse individual e colectiva através de um número de stand-up comedy. O risco, enorme, compensou.

“Um Cavalo Entra Num Bar” (Dom Quixote) é um forte candidato a constar nas tradicionais listas de melhores livros do ano.

Um homem está sozinho em palco perante uma sala com muito público. Esse homem, Dov Grinstein (ou Dovaleh) de seu nome, está sempre sobre o fio da navalha. A sua intervenção não se resume a um desfiar de anedotas, com mais ou menos conteúdo sociológico. Ele aborda traumas pessoais contextualizados por uma consciência colectiva moldada pelo conflito israelo-palestiniano, os rituais religiosos e, obviamente, a Shoah (holocausto). O público daquele bar situado em Netanya, pequena cidade israelita, oscila entre a satisfação, a incredulidade e a repulsa.

Nesse público está o juiz Avishai Lazar, que conhece o comediante desde criança, com capacidade para fazer de contraponto. Ele foi convidado por Dovaleh, apesar de não se verem há décadas, para dar o seu veredicto, sincero e sucinto como as sentenças que foi dando ao longo da sua carreira de magistrado. A observar atentamente o comediante está também o leitor.

O narrador Avishai Lazar esbate a confortável distância entre o personagem e o leitor. Um está perante o outro. Um observa o outro que se desnuda e se violenta.

Se o proposto é uma stand-up comedy, o que sai da mente do escritor israelita é mais do que isso. Uma piada é mais do que uma piada, e “Um Cavalo Entra Num Bar” (vencedor do Man Booker Prize) é bem mais do que um número de comédia. A constante dissonância no registo resulta numa montanha russa de emoções. O leitor ri com a auto-depreciação de Dovaleh para de seguida ficar desconcertado com a história do motorista que conta anedotas enquanto o comediante, em criança, vai ao enterro do pai; ou com a narração das constantes tarefas dadas pelo seu “papai quebra-mãos”; ou ainda com as situações de bullying sofridas em criança.

“[As pessoas] Percebem cada vez menos em que é que involuntariamente estão a participar. Não tenho dúvidas de que há muito se teriam levantado e saído, ou até o teriam expulsado do palco com vaias e gritos, não fosse a tentação a que é tão difícil resistir – a de espreitar o inferno do outro”.

Muito do que é contado não se passou bem assim. Há muitas dolorosas recordações que foram limadas pelo tempo.

A capacidade de Grossman é de sublinhar: consegue manter o leitor agarrado ao texto, com toda a atenção dedicada ao comediante e à sua dissonante relação com quem o observa. Dovaleh toca nos pontos familiares- não necessariamente naturais – que agrupam os seres humanos. As rotinas são vistas ao pormenor e com a naturalidade de quem as diagnostica como absurdas. O mesmo se passa com a própria existência. Aos poucos, Dovaleh encaminha-se para o epílogo. É aí que ele quer chegar desde o princípio. Entretanto, ficaram os mais resilientes, os mais próximos, que, entre acenos de apreço, ouviram e acompanharam o percurso infernal até à epifania.

Esse caminho é feito de depreciação, violência dirigida contra si próprio, revelações pessoais desde a infância até ao momento em que ele actua. Dovaleh denomina-se, entre outros termos pejorativos, de “projecto falhado”.

A fuga à realidade começou ainda na meninice. Dovaleh, para fugir ao bullying, optava por andar sobre as mãos, vendo o mundo ao contrário. Esse calculismo “não se dissolveu no sangue até hoje”. Sobre o palco e defronte do público que o observa, este homem de meia-idade enfrenta essas estratégias calculistas que o aprisionam em adulto.

“Bate em si próprio com as mãos abertas, os dedos esticados: na cara, nas costelas, na barriga. Aquilo parece uma luta de pelo menos duas pessoas. No turbilhão dos membros e das expressões reconheço o aspecto que o seu rosto assumiu mais de uma vez esta noite: a fusão com o seu agressor. Bate em si com as mãos que não são as suas.”

David Grossman optou por uma cenografia minimalista para permitir que o leitor se concentre no mais importante: a dialéctica entre um homem que se debate com a culpa, que se defende com a piada e o sarcasmo, e as expectativas de quem o vê e ouve.

No final, fica a pergunta: Afinal, quem é uma piada? Dovaleh ou o leitor?

A Horse Walks into a Bar by David Grossman review – serious portrait of a shocking standup (in The Guardian, 09-12-2016, por Ian Sansom)

A writer of gravitas embraces the world of comedy with this parable-like tale of a repellent Israeli comedian

A comic novel by David Grossman, the David Grossman? That would be simply ludicrous, obviously: Grossman is a writer of such high moral seriousness and tone, a writer burdened and possessed with such profound weight, as to render that book quite impossible. It would be like Dan Brown writing art history, or Lydia Davis writing a romcom. So, a comic novel by Grossman: no. But a novel about a comic by Grossman? An unexpected delight. Readers should be warned, however: *A Horse Walks into a Bar* is neither remotely funny nor an easy read.

First, Grossman no longer writes what we traditionally think of as novels: he has transcended genre; or rather, he has descended deep into the vaults beneath. His previous book, 2014's *Falling Out of Time*, a deeply personal portrait of the loss of a son, was like a prose poem; more prophecy than novel. *A Horse Walks into a Bar* – again translated by Jessica Cohen, who has long proved herself capable of keeping up with Grossman's twists and turns of style – is more like a parable, about the loss of parents and the losses of a nation. As with all good parables, it requires the reader to do some work in order to understand its meaning.

Second, Grossman presents the reader with the difficulty of confronting and then coming to understand – and finally to love – the deeply offensive comedian who is at the centre of the story, Dovaleh Greenstein. Dovaleh – “Dovaleh G, ladies and gentlemen, AKA Dovchick” – takes to the mic in a small club in Netanya, Israel. Middle-aged, perilously thin, wearing ripped jeans, red braces and cowboy boots “adorned with silver sheriff stars”, he starts telling bad jokes. Really bad jokes. He abuses the audience, refuses to humour them, and persuades them to join him in anti-Arab chants. He is a thoroughly appalling individual.

The audience soon becomes restive and hostile – including the book's narrator, retired district court justice Avishai Lazar, who has been invited to the show by Dovaleh, though at first it's not clear why. But all soon becomes apparent. To reveal anything more about the book's plot and purpose would be to spoil its shock and surprises. Suffice it to say that Dovaleh's show is a form of self-interrogation and a confession: he is, remarks the narrator, like “a little rodent gnawing on himself”.

Grossman does make a few concessions to the reader, who might – understandably – come looking for humour in a book about a comic. He has Dovaleh respond to the hecklers with the kind of comebacks we've all heard from weary standups. “Well good evening, Mister Tony Soprano decked out in lemon meringue [...] Welcome to our humble abode, and may you have a very crystal nacht. I understand you're in between medications at the moment, and just my luck, you had to choose this particular evening to get out for some fresh air!”

But Grossman's true interests lie elsewhere: *A Horse Walks into a Bar* is not a book about standup comedy. It is a book about art, and the relationship of suffering to art. "I'm a bottom-feeder, am I not?" says Dovaleh. "It's a pretty pathetic form of entertainment, let's be honest." Through the character of Avishai, the judge, it's also a book about our role as spectators and participants, about what it means to be part of an audience. "How did he do that? I wonder. How, in such a short time, did he manage to turn the audience, even me to some extent, into household members of his soul? And into his hostages?"

Dovaleh is clearly a representative figure, yet the conclusions we are encouraged to draw from his telling of his terrible stories is unclear. This isn't just a book about Israel: it's about people and societies horribly malfunctioning. Sometimes we can only apprehend these truths through story – and Grossman, like Dovaleh, has become a master of the truth-telling tale. "What is he selling them?" wonders the judge. "What is he selling himself?" These are important questions at this moment in history, a time of trickery and lies. This is a novel for our new Age of Offence – offence easily taken and endlessly performed.